

Prólogo I

Quando alguém fotografa, corta, faz uma escolha...

Escolhe um pedaço, uma parte de um todo que vê. A foto então é esse pedacinho de “real” seccionado... Que guarda alguma coisa do “real” por um efeito metonímico...

Em toda foto o mundo inteiro.

Em toda foto um vazio, a ausência do mundo inteiro.

Ainda gosto de olhar as fotos de quando eu era criança... E pensar “nesse dia tal eu ainda não sabia que ia sair de casa”, “nesse aniversário eu ainda gostava de usar vestidos”, “nessa eu ainda não havia caído do cavalo”, “ali eu ainda não falava”. Olhá-las é sempre confrontar o passado com o presente... Verificar sem concluir que o real de antes não é mais o agora.

Ainda perco e ganho horas nessas fotografias. Reencontro-me comigo menor, mais gorda, mais magra, mais feliz que agora, menos infeliz que ontem, com esperança, ignorando completamente o futuro... E indo inexoravelmente em sua direção.

A foto e seu microuniverso...

A foto e seu microclima...

Foto maquete. Modo de miniaturizar o mundo. Torná-lo portátil.

Não se passa mais um só dia sem que eu veja fotos. Nessa graça ou maldição chamada *Facebook*. Milhares de histórias sendo contadas todos os dias... Fato é que a relação íntima, foto nas palmas das mãos... O espaço íntimo da família, o momento dividido com poucos, converte-se em ato público... Exiba suas fotos, mostre como sua vida é feliz. A teatralização da vida, a exclusão dos maus momentos. Sim fotografar também é apagar o resto... Privar de ver em certo sentido. Vejo só aquele fragmento, uma parcela mínima...

A família da minha mãe tinha o hábito de fotografar os mortos... E um dia me deparei com essas fotos. Colocavam o morto sentado, vestindo sua melhor roupa, maquiavam seu rosto... Eram fotografados de olhos fechados, como se estivessem dormindo. E eu olhava com uma espécie de medo curioso... Por que os mortos precisavam ser fotografados? Depois essa pergunta se desdobrava em outra: Por que os vivos precisavam fotografar os mortos? Espécie de em

balsamento...

Herança ancestral. Não consigo avançar nas respostas, mas as perguntas continuam sólidas... Paredes erguidas há anos. E depois verificar que todas as pessoas morrem, e que assim, um dia todas as fotos serão de mortos... Mas ainda assim... Fotografar um corpo morto escapa à lógica da captura de um momento que passa...

Prólogo II

Hoje me lembrei da minha avó emprestada...

Vovó Leda!

Famosa no bairro: pelos sacolés de fruta...

Atendimentos espirituais prestados no quartinho dos fundos

Quinquilharias trazidas do Paraguai... Pequenas novidades da década de 90:

Barbies grávidas, cachorrinhos que viram cambalhota, soldados que rastejam...

Arrancavam sorrisos das crianças e dinheiro das bolsas das mães.

E ainda tinha o Louro...

Papagaio mal humorado que xingava meu pai de filho da puta e, às vezes, cantava o “atirei o pau no gato” acompanhando de forma esganiçada as crianças da escola...

Havia uma escola ao lado da casa da minha avó.

Minha avó também cuidava de uma família de pequinês... Eu só lembro o nome de dois: Catuxa e Bend... eram mãe e filho.... Bend passava as tardes andando em cima do muro e latindo para os passantes. Era também famoso.

Veza ou outra se podia tropeçar em algum jabuti no quintal da minha avó... Tinham vários no quintal, mas viviam escondidos... De modo, que as pessoas achavam que só tinha um...

Eu sabia... Eram vários!

Meu irmão me ajudou a contá-los... Íamos arrancando um a um dos ninhos e minha avó gritando: “se eles te morderem, só vão soltar quando o sino da igreja tocar!”

Mas estávamos decididos e depois de contar os bichos contamos os ovos... As espadas de Iansã e São Jorge, as dormideiras, as ervas cidreiras, as vence demandas, as comigo ninguém pode...

Muitas coisas haviam para serem contadas no quintal da minha avó... Elas persistem agora para além dele.